

Como ser ninguém  
na cidade grande

LUIZ ROBERTO GUEDES

Editora Penalux  
2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 - Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Juliana Brittes

FOTO DE CAPA  
© Maurício de Paiva

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

G924C      GUEDES, LUIZ ROBERTO. -  
COMO SER NINGUÉM NA CIDADE GRANDE / LUIZ  
ROBERTO GUEDES. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

172:: P: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-394-8

1. CONTOS I. TÍTULO

CDD.: B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## Pessoas inexistentes

para Sérgio Sant'Anna

NINGUÉM OLHA DUAS VEZES para um mendigo. A não ser um repórter fotográfico em busca de um personagem. Ou um escritor deparando-se com uma história. O morador de rua habitava um enorme terreno murado, sombreado por velhas árvores. Preciosa reserva de solo com uma placa de imobiliária, “Vittorio Valentini vende”.

O escritor passava por ali a caminho do trabalho. Via a cabeça do homem surgir de um buraco no muro: uma juba frondosa de soba africano, barbado, desgrenhado, fuliginoso. Ou então já sentado na calçada, escrevendo em folhas soltas, que devia pegar no lixo empresarial da avenida. Sua mesa improvisada era um caixote de madeira (*Manzanas de Rio Negro*), virado de borco.

A mão escura movia-se rápida, enchendo o papel de garanchos. O que tanto escrevia? A curiosidade do escritor não chegava ao ponto de puxar conversa com o homem, acocorar-se junto dele. A fixidez do olhar denunciava um tipo insociável, insano.

Uma tarde, o sujeito não estava lá. Havia manchas de sangue na calçada. Caído na sarjeta, um único sapato preto, deformado, descolorado. E um punhado de folhas manuscritas, espalhadas em volta. O escritor recolheu-as com avidez, os olhos pinçando palavras no aranhol de letras, buceta, caralho, bunda, peitos, foda, chupada.

Guardou o papelório sujo na pasta de couro, seguiu para a estação do metrô. Passando pelo bar da esquina, ouviu um pedaço de conversa, a caminhonete subiu na calçada, pegou o coitado, jogou ele longe, o pastor evangélico botou ele na Kombi, levou pro hospital.

Já no metrô, examinou seu achado. Doze páginas depois, estava fascinado com aquele diário caótico, quase tão intrigante quanto os delírios de Nijinski.

Nenhuma reflexão metafísica: só o olho lúbrico lambendo as formas, cobiçando corpos, garotas de colégio, jovens mães, empregadas domésticas, palavras uivando uma fome feroz. E aquela estranha menção a uma “bichona com peitos de mulher, bunda grande e buceta do tamanho de um mamão”? Talvez uma fantasia alternativa. Prováveis apontamentos biográficos: “tive que largar a escola não consegui tirar diploma mas sei dirigir trator aprendi sem problema”. “agora você finji que não mi conhece mas não pode negar que já ficou comigo numa boa eu chupei sua buceta e você gosou muito sua vagabunda.”

Péssimo português, mas que força. Uma novela seca, bruta, antiliterária. Torrente de palavras alucinadas, mergulho na mente turva de um miserável animalizado, ganhando sua humanidade dolorida entre roncões de motores.

O escritor via sentido na desordem. Devia haver mais material entre os pertences do homem. Às vezes, ele assentava-se atrás de uma barricada de grandes sacos de plástico negro estufados por seus haveres e, talvez, algumas centenas de páginas.

Não resistiu à ideia de vistoriar o terreno baldio. O espólio do escriba estaria lá, entesourado no oco de alguma árvore.

DEIXOU O CARRO NUMA rua transversal e esperou o trânsito rarear. No começo da madrugada, meteu-se de gatinhas no buraco do muro, a um tempo excitado e vexado com seu próprio disparate.

Varreu o terreno com o facho da lanterna, divisou volumes escuros contra um tronco de árvore. Aproximou-se, o foco de luz revelou o patrimônio do mendigo. Prendendo a respiração, revirou sacos de estopa, despejou o conteúdo. Roupas, trapos, um cobertor roído, retalhos de carpete, potes de plástico, uma garrafa com rolha, decerto cachaça, uma embalagem plástica de álcool, revistas velhas, uma resma de papel. Agachou-se e enfurnou rapidamente as folhas na sacola que havia trazido. Conferia mais uma vez a mixórdia quando uma voz rouquejou:

“Isso aí é meu, larga tudo aí.”

Alvejou o vulto com o facho. O morador estava de volta, vivo, quase inteiro: apoiado em muletas, a perna esquerda engessada até a coxa, a cabeça envolta em bandagens. Tinham tosado sua cabeleira no pronto-socorro, poupado só a barba de profeta. O homem apontou uma muleta para o peito do saqueador:

“Isso aí é tudo meu. Deixa aí.”

“Eu compro de você”, o escritor recobrou a voz.

“Não, você não tem o direito de mexer no que é meu, larga tudo aí.”

“Olha, eu tenho dinheiro”, enfiou a mão no bolso do casaco, e viu o mendigo lançar subitamente a muleta para o alto, pegá-la pela ponta com ambas as mãos e desferir o golpe que encontrou sua cabeça.

Caído de quatro, sentindo o sangue escorrer sobre a pálpebra esquerda, ergueu os braços e aparou mais dois golpes, antes de arremeter cegamente contra a virilha do agressor, derrubá-lo, montar em seu peito e apertar-lhe a garganta com fúria e desespero, até dar-se conta de que não havia mais perigo.

ERGUEU-SE, FICOU esfregando as mãos nas calças, procurando controlar seus nervos. Cachorros latiram na vizinhança. Uma sirene de polícia uivou lá longe na avenida. Atento ao silêncio, controlou a ânsia de fugir. Pressionou a manga da camisa contra o supercílio aberto. Apanhou a lanterna, focou o rosto de sua vítima. Olhos arregalados, a boca negra escancarando o grito, baba viscosa brilhando na barba.

Iluminou o chão em redor, notou suas próprias pegadas impressas no solo úmido. Agarrou um saco de estopa, esfregou-o vigorosamente em torno, apagando as marcas de seus sapatos.

Havia sangue em sua mão direita, devia estar imprimindo digitais no tecido sujo. Recolheu o saco e muleta, caminhou para os fundos do terreno. Ali havia uma ravina funda, onde corria um ribeirão podre. Lançou sua carga na água. Um romancista não pode deixar nada ao acaso.

ESGUEIROU-SE PELO BURACO do muro, seguiu rápido para a esquina onde tinha deixado o carro. Atirou a sacola no banco traseiro, pegou no porta-luvas alguns lenços de papel para pensar o ferimento. Com um pedaço de papel colado no supercílio, deu partida e subiu novamente a rua. Ao passar pelo

terreno murado, considerou que seria melhor avisar a polícia, com um telefonema anônimo, que havia um cadáver no local.

Os peritos criminais constatariam o estrangulamento, mas com certeza tomariam o homicídio por uma rixa entre párias. Dificilmente qualquer jornal noticiaria a morte de um ninguém, desumanizado já em vida, roubado até de sua morte, sua memória. Só escritores é que se ocupam de pessoas que não existem.





## Késia com K

*Ou como escrever paz em chinês*

*O meu tempo é curto, o tempo dela sobra*

*Meu cabelo é cinza, o dela é cor de abóbora*

**Chico Buarque, *ESSA PEQUENA***

O PROFESSOR CONHECEU A GAROTA NO QUILÔMETRO 330 da via Anhanguera, quando voltava de um fim de semana chatíssimo no interior. A chuva de vento chacoalhava tanto seu carrinho popular, que ele resolveu parar num posto de gasolina.

Ao entrar na loja de conveniência, viu a moça abrigada sob o toldo, com uma mala pequena a seus pés.

Tomando seu café *espresso*, observou-a pela vidraça. Imóvel, de camiseta e saia jeans, ela suportava o frio, os braços cruzados no peito, olhar fixo no céu fechado, a boca entreaberta. A estátua do estupor. Dezoito anos, no máximo.

Achou que havia algo de familiar nela. Talvez parecesse com alguém que ele deveria ter conhecido uns trinta e tantos anos atrás. Sentiu que devia intervir naquele drama.

— Algum problema, moça? Posso ajudar?

— Preciso de uma carona pra São Paulo.

— Estou indo pra lá. Pra que parte você vai?

— Tanto faz.


Apesar da resposta brusca, ele estava inclinado a ser prestativo.

— Então vamos andando.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

 [penalux@editorapenalux.com.br](mailto:penalux@editorapenalux.com.br)

 [/penaluxeditora](https://www.facebook.com/penaluxeditora)